

Alan Watts

TORNE-SE O QUE VOCÊ É

Tradução de Jacqueline Valpassos



© 1995, 2003 by Mark Watts.

Publicado conforme acordo com Shambhala Publications Inc.

Título do original em inglês: *Become What You Are*

Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil:

2020, Editora Vozes Ltda.

Rua Frei Luís, 100

25689-900 Petrópolis, RJ

www.vozes.com.br

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

CONSELHO EDITORIAL

Diretor

Gilberto Gonçalves Garcia

Editores

Aline dos Santos Carneiro

Edrian Josué Pasini

Marilac Loraine Oleniki

Welder Lancieri Marchini

Conselheiros

Francisco Morás

Ludovico Garmus

Teobaldo Heidemann

Volney J. Berkenbrock

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Maria da Conceição B. de Sousa

Diagramação: Sheilandre Desenv. Gráfico

Revisão gráfica: Alessandra Karl

Capa: WM design

ISBN 978-65-571-3089-6 (Brasil – Edição digital)

ISBN 978-1-57062-940-2 (Estados Unidos – Edição impressa)

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

SUMÁRIO

Prefácio do editor

O paradoxo da autonegação

Torne-se o que você é

O dedo e a lua

Importância

O Tao e o wu-wei

Leveza no trato

Pássaros no céu

Andando na roda

A linguagem da experiência metafísica

Boas intenções

Zen

O Um

Existe um inconsciente?

Aquele distante evento divino

A parábola do rabo da vaca

O segundo Imortal

O problema da fé e obras no budismo

O amanhã nunca vem

O que é realidade?

O nascimento do Divino Filho – Estudo de um símbolo cristão

PREFÁCIO DO EDITOR

COMO O TÍTULO SUGERE, *TORNE-SE O QUE VOCÊ É* é uma coletânea de textos de Alan Watts que abordam o dilema do indivíduo que busca seu verdadeiro eu, uma tarefa que muitas vezes requer ver a vida “como ela é”. Como escreveu Alan Watts:

A vida existe apenas neste exato momento, e neste momento ela é infinita e eterna. Porque o momento presente é infinitamente pequeno; antes que se possa medi-lo, ele já se foi e, ainda assim, persiste para sempre. Este movimento e mudança foi chamado de Tao pelos chineses. [...] Um sábio disse que se *tentarmos* estar em harmonia com o Tao nos afastaremos dele. Mas ele não estava inteiramente certo. Porque o curioso é que não se pode sair de harmonia com ele mesmo que se queira; embora os seus pensamentos possam correr para o passado ou para o futuro, eles não podem escapar do momento presente.

Compreendido dessa maneira, “tornar-se o que você é” é, ao mesmo tempo, uma diretiva impossível e um fato inevitável.

Este livro é uma coletânea de textos de Alan Watts de meados dos anos cinquenta, intercalados com ensaios curtos do final dos anos trinta, escritos antes de ele deixar a Inglaterra e ir para a América. Os artigos mais curtos apareceram originalmente no *The Middle Way*, um jornal publicado pela Loja Budista de Londres. A coletânea começa com “O paradoxo da autonegação”. Embora o manuscrito original não esteja datado, a máquina de escrever usada para produzir esse artigo foi adquirida em 1953, e o conteúdo e o seu tamanho batem com outros artigos que foram

originalmente lidos por Watts na rádio KPFA em Berkeley, Califórnia, no início de 1955. Essas transmissões foram bastante populares e prosseguiram por mais de trinta anos.

O segundo capítulo, e o primeiro dos ensaios curtos, é o texto que dá título a este livro, e foi extraído de um álbum de recortes dos primeiros artigos de Watts. Um exame do verso do recorte revela o anúncio das reuniões da Loja Budista em março, abril e maio de 1938.

O terceiro capítulo, “O dedo e a lua”, teve seu título modificado pelo próprio Watts, tendo sido originalmente intitulado “O reino do espírito”. É datado de 17 de abril de 1955 e trata das deficiências das práticas religiosas ocidentais no contexto zen e do pensamento oriental em geral. Então, no capítulo quatro, retornamos aos ensaios do *Middle Way* com “Importância”, um pequeno e belo escrito baseado na perspectiva de um poema budista.

Em “O Tao e o wu-wei”, o capítulo seguinte, Watts escreve sobre os significados de “não fazer” e “não forçar”, ideias centrais do taoísmo chinês. A certa altura do texto original ele menciona “esses dois anos de palestras”, referindo-se às suas primeiras transmissões no programa de rádio. Este provavelmente foi o tema de uma das últimas palestras naquele programa, e suas revisões manuscritas nas quatro páginas finais do original sugerem que esse artigo possa ter sido transcrito de uma gravação, tornando esta palestra talvez uma de suas primeiras transmissões não lidas de um roteiro, mas originalmente realizada ao vivo para os ouvintes da rádio.

O capítulo “Andando na roda”, é novamente, um ensaio curto do *The Middle Way*. Aqui encontramos o “homem perfeito” de Chuang-tzu, enquanto ele “anda na roda”, sem ser perturbado pelo desejo, o apego, o medo ou o arrependimento. No verso deste recorte, encontramos uma interessante citação atribuída a Tan Ching, que diz:

Se permitirmos que nossos pensamentos – passados, presentes

e futuros –, se conectem em uma sequência, impomos restrições a nós mesmos. Por outro lado, se não permitimos que nossa mente se apegue a coisa alguma em qualquer tempo e em relação a tudo, obtemos emancipação.

Como Watts era o editor do *The Middle Way*, ele provavelmente selecionou tal citação para publicação. Um tema semelhante foi desenvolvido ao longo de seus trabalhos posteriores, e a citação serve como evidência das influências filosóficas que moldaram seu pensamento na época.

Finalmente, o último capítulo marca nossa despedida das palestras no rádio com um artigo escrito para o *Journal of Religious Thought*, publicado em 1953 pela Howard University, em Washington, D.C. “A linguagem da experiência metafísica” é uma excelente análise das semelhanças entre o conhecimento adquirido por meio da experiência mística e das ciências naturais e os problemas linguísticos que surgem ao se tentar expressar essa diversidade de conhecimentos em palavras. O artigo está, em muitos aspectos, muito à frente de seu tempo, mesclando pensamento oriental, física e filosofia e religião ocidentais a fim de se obter uma compreensão da vida baseada no deslumbramento, pois, conforme ele cita Goethe:

o máximo que o homem pode alcançar é maravilhar-se. Quando o fenômeno primordial faz alguém maravilhar-se, deve esse alguém dar-se por satisfeito; nada de superior pode ser extraído, e nada além disso ele deve buscar; aqui está o limite.

Depois de “A linguagem da experiência metafísica”, começamos uma série de artigos do *The Middle Way*, incluindo “Boas intenções”, “Zen”, “O Um”, “Existe um inconsciente?”, “Aquele distante evento divino”, “A parábola do rabo da vaca” e “O segundo Imortal”. A perspectiva zen da contribuição inicial de Watts para o *The Middle Way* está bem representada no grupo, seguido por um tratamento muito mais sério do budismo em “O

problema da fé e das obras no budismo”. Os textos selecionados do *The Middle Way* (mais tarde reunidos em *The Modern Mystic*) são encerrados com mais dois artigos curtos, “O amanhã nunca vem” e “O que é a realidade?” e com a apresentação de mais um longo artigo desse período. “O nascimento do Divino Filho – Estudo de um símbolo cristão” foi publicado originalmente no *The Sufi* no final dos anos trinta. Trata-se de um artigo interessante em que Watts investiga os fundamentos místicos da tradição cristã e compara o simbolismo de sua divindade com os de outras religiões mais frequentemente reconhecidas por sua natureza mística. Conforme ele escreve:

Receber o universo em si mesmo, da forma como fazem alguns “místicos”, é simplesmente gabar-se com a presunção de que se é Deus e, assim, estabelecer outra oposição entre o poderoso todo e a parte degradada. Entregar-se completa e servilmente ao mundo é tornar-se uma nulidade espiritual, um mecanismo, uma concha, uma folha levada pelos ventos das circunstâncias. Mas se o mundo é recebido e o eu dado ao mesmo tempo, então prevalece aquela união que produz o Segundo Nascimento.

Isso soa familiar à ideia budista do Caminho do Meio, como deveria ser, e Watts continua nessa linha de pensamento concluindo em uma veia um tanto taoista:

Assim, quando dizemos que da união entre o eu e a vida (ou o mundo) nasce o Cristo, queremos dizer que o homem se eleva a um novo centro de consciência que não está nem em si mesmo apenas, nem no mundo apenas [...]. De fato, esse centro já existe, quer ele saiba ou não, pois não existem dois opostos a menos que haja uma relação entre eles.

Mark Watts

Santo Anselmo, Califórnia

O PARADOXO DA AUTONEGAÇÃO

*Enquanto você viver, seja um homem morto,
totalmente morto;
Então, o que quer que faça, seja como for,
sempre estará certo.*

UM POEMA BUDISTA, ESCRITO NA CHINA VÁRIOS SÉCULOS ATRÁS, tenta expressar em palavras uma intuição comum a quase todas as culturas do mundo. Traduzido em uma linguagem familiar à tradição cristã, é tão conhecido que se torna praticamente um lugar-comum: “Aquele que perde sua vida encontrá-la-á”. Mas o que salva esse pensamento da banalidade – do tédio causado pelos preceitos que todos sabem que devem seguir, mas não o fazem – é que é um provérbio que ninguém *consegue* seguir. Porque enquanto eu puder fazer alguma coisa a esse respeito, isso significa que eu ainda não morri, que ainda não perdi completamente a minha vida. No entanto, não se trata simplesmente do absurdo de uma ordem impossível de se obedecer. É uma comunicação real, uma descrição de algo que ocorre com as pessoas – como a chuva, ou o toque do vento. Trata-se tão somente da expressão da descoberta universal segundo a qual um indivíduo não começa a estar verdadeiramente vivo até que tenha perdido a si próprio, até que ele deixe de se apegar ansiosamente à sua vida, suas propriedades, sua reputação e sua posição. É a verdade irreduzível da ideia monástica da “santa pobreza”, de viver uma existência sem vínculos na qual – como tudo foi perdido – não há nada a perder, na qual há uma espécie de júbilo de uma espécie de liberdade que é poeticamente comparada aos pássaros e ao vento, ou às nuvens deslizando por um céu sem limites. É a vida que São Paulo descreve como “pobre, mas enriquecendo a muitos, na qual nada se

tem, mas tudo se possui”.

Que nostalgia irreal sentimos por ela! Maria Antoineta brincando de pastora nos jardins de Versalhes... Presidentes de grandes corporações se aposentando em solitárias cabanas de pesca em High Sierra... O vendedor de seguros caminhando sozinho pela interminável faixa de areia de uma costa oceânica, perguntando se teria a coragem de se tornar um catador de praia... Ou o idealista moral que se recrimina por não ter força suficiente para abandonar seu confortável salário e mergulhar nas favelas, como Peter Maurin e Dorothy Day, ou seguir os grandes modelos de São Francisco e São Vicente de Paulo. Mas a maioria de nós sabe que não faremos, e muito provavelmente não podemos fazer isso – que continuaremos a nos apegar ao nosso estilo de vida habitual com toda a impotência dos viciados acorrentados à sua paixão destrutiva.

Se isso começa a soar como um sermão, minha intenção não foi essa, pois, como disse no início, a expressão de que a vida é encontrada quando é perdida não é, na realidade, um preceito que pode ser facilmente praticado e obedecido. Isso é o que faz toda a conversa sobre a necessidade de desprendimento ou a tarefa de transcender o ego ser interpretada de maneira tão equivocada. Considerada como um preceito, dá margem a todo tipo de falsidades morais e espirituais. Desconfie sempre do sujeito que lhe fala sobre renunciar a si mesmo ou superar o ego. Isso me lembra a conversa apócrifa entre Confúcio e Lao-tzu, na qual o primeiro estava discorrendo sobre o amor universal sem o elemento do eu.

“Que bobagem!”, gritou Lao-tzu. “O amor universal não é uma contradição em si mesmo? A sua eliminação do eu não constitui uma manifestação positiva do eu? Senhor, se você quiser que o mundo não perca sua fonte de subsistência: eis o universo, com sua regularidade ininterrupta; o Sol e a Lua, com seu brilho constante; as estrelas, com suas constelações imutáveis; as aves e os animais selvagens, que não deixam de se reunir em

bandos; as árvores e arbustos crescendo invariavelmente. Assim como eles, viva em harmonia com o Tao – do jeito como as coisas são – e seja perfeito. Por que, então, esses esforços vãos de caridade e o dever para com o próximo, que são como golpear um tambor em busca de um fugitivo? Senhor, quanta confusão você trouxe para a mente do homem!”

Como eu disse, a verdade sobre encontrar a vida ao se perdê-la não é um preceito, mas a realidade de algo que acontece – e acontece de muitas e diferentes maneiras. Não é todo mundo que consegue se tornar um herói moral óbvio ou um notório santo. Nem todo mundo há de ser um espírito livre sem a responsabilidade de um cônjuge e filhos. Nem, devo acrescentar, é um privilégio ao alcance de todos ser uma esposa dedicada ou um marido modelo. E ainda – nem todo mundo tem a sorte de ser o fatalista que aceita a si mesmo e assume suas limitações como elas são, reconhecendo-se uma erva daninha sem tentar ser uma rosa. Alguns de nós sempre estaremos tentando – com um exasperante grau de relativo sucesso – melhorar a nós mesmos de uma forma ou de outra, e nenhuma dose de autoaceitação nos impedirá de fazê-lo. Autorrenúncia, autoaceitação: diferentes nomes para a mesma coisa, o ideal para o qual não há caminho, a arte para a qual não há técnica.

Então, por que, em geral, essa ideia toda tão amiúde toma a forma de um preceito, de um conselho a se seguir ou um método a ser aplicado? Bem, obviamente, há uma contradição vital na própria noção de autorrenúncia, assim como na de autoaceitação. As pessoas tentam aceitar a si mesmas para serem diferentes, e tentam renunciar a si mesmas para terem mais autorrespeito a seus próprios olhos – ou para alcançar alguma experiência espiritual, alguma exaltação da consciência, desejo revelador de seu interesse em si próprias. Somos realmente obcecados por nós mesmos, e nossas tentativas de rejeição ou aceitação são igualmente infrutíferas, uma vez que elas não conseguem alcançar aquele centro inacessível de nosso eu interior que está tentando aceitar ou rejeitar. A parte de nós mesmos que

quer nos mudar é justamente a parte que precisa ser mudada; mas é tão inacessível quanto uma agulha ser espetada por sua própria ponta.

Mas a razão pela qual a ideia de autorrenúncia aparece na forma impossível de um preceito é porque ela é uma forma do que os budistas chamariam de *upaya* – um termo em sânscrito que significa “meios hábeis”; em particular, os meios hábeis que um professor usa para transmitir ao seu discípulo alguma verdade que só pode ser alcançada de uma forma indireta. Porque o egoísmo do eu cresce com a noção de que ele pode dar ordens a si mesmo, que é o mestre e senhor de seus próprios processos, de suas próprias motivações e desejos. Portanto, o único resultado importante de qualquer tentativa séria de autorrenúncia ou autoaceitação é a descoberta humilhante de que isso é impossível. E isso precisamente é essa morte de si mesmo, que é a improvável fonte de um modo de vida tão novo e tão vivo que dá a sensação de renascimento. Em um sentido metafórico, o ego morre ao descobrir sua própria incapacidade, sua inépcia para fazer qualquer diferença a si mesmo que realmente seja importante. Esta é a razão pela qual, no zen-budismo, a missão da autotranscendência é comparada a um mosquito que tenta picar um touro de ferro e, de acordo com as palavras de um dos antigos mestres, a morte transformadora ocorre no exato momento em que carapaça de ferro do touro finalmente e de forma absoluta rejeita a frágil picada do mosquito.

Há, é claro, ainda algum refúgio para nossa ilusão de importância na ideia de que devemos primeiro fazer um firme esforço para picar o touro. Cada membro do “endogrupo” (ou iniciados) distingue-se dos do “exogrupo” (a maioria não iniciada) por meio de um processo de “passar por maus bocados” ou de ter suportado sofrimentos que mais tarde são exibidos como orgulhosos distintivos de formatura. Um dos aspectos mais repulsivos da falsidade espiritual é a implicação usual e sutilmente insinuada de que, afinal de contas, alguém “sofreu muito”. Da mesma forma, naquele indivíduo que ainda é um mero aspirante ao estado de

graça, o mesmo tipo de tapeação assume a resolução de picar o touro ao máximo – a fim de se convencer de forma cabal de que isso não pode ser feito.

Eu sempre verifiquei que as pessoas que realmente experimentaram essa morte de si não reivindicam qualquer mérito de sua parte no processo. Elas se consideram preguiçosas e sortudas. Se fizeram alguma coisa, foi algo tão simples que qualquer um poderia ter feito – já que tudo o que fizeram foi reconhecer um fato universal da vida, algo tão verdadeiro para os fracos e tolos quanto para os sábios e fortes. Eles podem até dizer a esse respeito que há alguma vantagem em ser fraco e tolo, já que ter uma vontade forte e uma mente sábia torna muito difícil ver algumas coisas. Um comerciante próspero pode estar menos preparado do que um simples mendigo a aceitar que estão fadados ao mesmo esquecimento. Para o genuíno homem-morto-que-renasce-para-a-vida, seja ele sábio, místico, buda, *jivanmukta*, ou o que você preferir, a noção de que ele alcançou esse estado através de algum esforço ou alguma capacidade especial é sempre absurda e impossível.

É quase certo, portanto, que sempre que o sofrimento, a disciplina, a resistência e a força de vontade são enfatizados como requisitos essenciais para se entrar no Reino dos Céus, algum tipo de clericalismo ou de maracutaia espiritual altamente refinada está envolvido. Este tipo de conversa, às vezes, é uma tentativa de fazer de um limão uma limonada, ao fingir que uma vida de constante autofrustração foi na verdade uma grande conquista espiritual. Outras vezes, pode simplesmente ser um genuíno erro, pois há pessoas que só descobrem o que sempre tiveram ao alcance das mãos após uma longa e dolorosa jornada, e mantêm a convicção de que o caminho mais difícil era o único possível. No entanto, às vezes, essa conversa é transformada em um tipo presunçoso e desagradável de sermão proferido por pessoas que se arvoram a ensinar seus pares. Mas seus sermões não têm o menor efeito criativo, já que as únicas motivações para ação que elas apresentam são vergonha, medo ou sentimento de culpa, e

quando respondemos a essas motivações, encontramos apenas um bálsamo para o orgulho ferido do ego – um bálsamo sobre o qual o nosso egocentrismo floresce com entusiasmo especial.

Com tais mal-entendidos fora do caminho, talvez possamos considerar com maior profundidade o que significa encontrar a vida perdendo-a. O ponto principal é, creio eu, que o estado chamado metaforicamente de morte ou renúncia a si mesmo não é uma condição futura a ser adquirida. É antes um fato presente. Em assuntos triviais, nosso ego mostra alguns sinais de vida. Mas fundamentalmente, na presença de um grande espaço e tempo, diante de um grande amor ou de um grande medo, somos como folhas arrastadas pelo vento. Quando começamos a pensar claramente, evocamos emoções realmente perturbadoras que gostaríamos de ser capazes de controlar. Nossa resistência a essas emoções é tão natural quanto as emoções em si. Na realidade, são a mesma coisa, já que as emoções aparecem apenas como uma manifestação de um estado de tensão e resistência. Se eu não sentisse aversão ao medo, não seria mais medo. Contudo, creio que não é difícil descobrir que nossa má vontade em relação a essas emoções, nossa resistência a vivenciá-las, é totalmente inútil. De novo, é como o mosquito tentando picar o touro de ferro. A fragilidade e precariedade do nosso corpo humano à mercê da torrente implacável e maravilhosa da vida suscita cada uma das emoções desse organismo terrivelmente sensível: amor, raiva, tristeza, terror e medo do terror. E nossas tentativas de superar essas emoções e controlá-las são, por sua vez, emoções em jogo, já que o amor é também estar apaixonado pelo amor em si, e tristeza, é lamentar estar triste. Nossa resistência ao sentimento é diretamente proporcional à nossa capacidade de sentir, pois quanto mais sensível é o instrumento, maior sua capacidade de sentir dor e maior a relutância em ser machucado.

Contudo, alguns psicólogos esbarraram, de uma maneira talvez um tanto atabalhoada, numa verdade importante: há um grave erro em não

respondermos aos nossos sentimentos, ou em tentarmos nos sentir de maneira diferente da forma como nos sentimos. Eles estão falando aqui, note-se, de sentimentos interiores, e não de ação manifesta. Em outras palavras, se você, como mãe, odeia seu filho, não tente fingir para si mesma que o ama. Mas – colocado de forma bastante simples – esse *insight* degenera em outro preceito: “Aceite seus sentimentos: deixe-se levar por suas emoções”. Isso não é tão simples, porque os nossos sentimentos entram em conflito uns com os outros, como quando somos orgulhosos demais para chorar, ou estamos com muito medo de nos apaixonarmos. Nestes casos, quais dos sentimentos aceitamos, a tristeza ou o orgulho, o medo ou o amor?

Entretanto, esse é o exemplo mais instrutivo da dificuldade da autoaceitação, pois em situações desse tipo descobrimos que não conseguimos aceitar qualquer dos dois sentimentos. O conflito não se deixará resolver por uma decisão por um dos dois lados – e ficaremos presos, inevitavelmente, nele.

Mas a verdadeira importância do que esses psicólogos tentam explicar é que há uma quase assombrosa sabedoria nas reações naturais e espontâneas do nosso organismo no curso dos acontecimentos. A extraordinária capacidade de sentir um evento interiormente, em vez de explodir em uma ação precipitada para evitar a tensão desse sentimento – essa capacidade é, na verdade, um maravilhoso poder de adaptação à vida, e não é diferente da resposta instantânea da água que contorna os obstáculos do terreno por onde flui. Espero que isso esteja claro. Não estou falando das respostas em termos de ação, mas apenas de nossas respostas internas e subjetivas de sentimento. A questão é que nossos sentimentos não são realmente um tipo de resistência ou combate ao curso dos eventos. São uma resposta harmoniosa e inteligente. Uma pessoa que não sentisse medo diante de uma ameaça de perigo seria como um junco que não vergasse plasticamente ao vento. Uma mente que não se amolda – à tristeza ou ao amor – é uma

mente que se quebra com demasiada facilidade.

Contudo, a razão pela qual estou falando de sentimento em vez de ação externa é que estou considerando a situação do ser humano diante de eventos sobre os quais nada pode ser feito – eventos para os quais nossa única resposta são os sentimentos. Estou pensando na certeza definitiva da morte, no completo desamparo do ser humano em meio à vasta corrente da vida e, finalmente, no tipo especial de sentimentos que surgem quando somos confrontados com um conflito de sentimentos que não podem ser resolvidos. Todas essas situações geram sentimentos que, a longo prazo, são tão irresistíveis quanto as próprias situações são insolúveis. São os sentimentos últimos – e muito do que chamamos de filosofia nada mais é do que a infrutífera tentativa de convencer o homem a se libertar deles.

Portanto, o que chamei de morte do ego acontece no momento em que se descobre e admite que esses sentimentos últimos são irresistíveis. São últimos de duas maneiras: primeiro, porque de alguma forma têm a ver com eventos fundamentais e catastróficos e, segundo, porque às vezes são nossos sentimentos mais profundos e radicais sobre uma determinada situação – como a frustração básica causada por um conflito entre a dor e a vergonha. A questão é que esses sentimentos últimos são tão sábios quanto os demais, e sua sabedoria surge quando paramos de resistir a eles, percebendo que somos simplesmente incapazes disso. Quando, por exemplo, a vida finalmente nos obriga a ceder, a nos rendermos ao que é comumente chamado de terror do desconhecido, o sentimento reprimido irrompe repentinamente como uma fonte de pura alegria. O que antes era experimentado como horror à nossa inevitável mortalidade é transformado, por meio de uma alquimia interna, num sentido quase extático de libertação das amarras da individualidade. Mas normalmente não descobrimos a sabedoria de nossos sentimentos porque não permitimos que eles completem seu trabalho; nós tentamos reprimi-los ou despachá-los em uma ação prematura, sem perceber que eles são um processo de

*image
not
available*

O DEDO E A LUA

HÁ UMA ANTIGA FRASE CRISTÃ – *Crux est mundi medicina*, “a Cruz é o remédio do mundo” –, uma frase um tanto notável no sentido que sugere que a religião é um remédio e não uma dieta. A diferença está, é claro, no fato de que o remédio é algo que se toma ocasionalmente – como a penicilina –, enquanto uma dieta é uma alimentação regular. Talvez não devamos insistir nessa analogia, já que existem remédios, como a insulina, que algumas pessoas devem tomar o tempo todo. Mas há um ponto na analogia – um ponto expresso em outra frase latina, cuja origem não é cristã, já que seu autor era Lucrecio: *Tantum religio potuit suadere malorum*, “Tantos males a religião pôde aconselhar!” Não estou pensando tanto na exploração dos pobres pelo sacerdócio corrupto, nem nos óbvios males do fanatismo. Penso, em vez disso, na antiga metáfora budista da doutrina que é como uma jangada que atravessa o rio. Quando você chega à margem oposta, você não carrega a jangada nas costas, mas a abandona.

Aqui há algo que pode ser aplicado não apenas ao pequeno número de pessoas que poderiam ter chegado à outra margem, mas à maioria de nós. Desenvolvendo um pouco a metáfora: se você vai atravessar o rio, precisa fazê-lo rápido, pois se você ficar perdendo tempo na jangada, a corrente pode arrastá-lo rio abaixo, em direção ao oceano – e assim você ficará preso na jangada para sempre. E é tão fácil ficar preso – na jangada, na religião, na psicoterapia, na filosofia. Usando outro símile budista: a doutrina é como um dedo apontando para a lua, e deve-se ter cuidado para não confundir o dedo com a lua. Muitos de nós, receio eu, chupamos o dedo apontador da religião para nos confortarmos, em vez de olhar para onde ele aponta.

*image
not
available*

sentados juntos para comer e eu lhe digo: “Por favor, passe o sal”, você simplesmente o faz, e não há a menor dificuldade nisso. Não para considerar o método correto. Você não se dá ao trabalho de se perguntar como, depois de apanhar o saleiro, você será capaz de se concentrar por tempo suficiente para trazê-lo até o meu lado da mesa. Não há diferença alguma entre isso e concentrar a atenção da mente para ver a natureza da realidade. Se você conseguir concentrar sua mente por dois segundos, pode fazê-lo por dois minutos e, se conseguir fazer isso por dois minutos, poderá fazê-lo por duas horas. Claro, se você quiser *tornar* isso terrivelmente difícil, pode começar a pensar em medir o tempo para cada ato seu. Em vez de se concentrar, você começa a pensar se está realmente concentrado, há quanto tempo está se concentrando e por quanto tempo consegue continuar assim. Tudo isso é totalmente inútil. Concentre-se por um segundo. Se, depois desse tempo, sua mente se distrair, concentre-se por mais um segundo e depois outro. Ninguém precisa se concentrar mais do que um segundo – neste segundo. É por isso que não faz sentido medir o tempo para cada ato seu, competir consigo mesmo e se preocupar com seu progresso e seu sucesso nessa arte. É simplesmente a boa e velha história de facilitar um trabalho difícil dando um passo de cada vez.

Há, talvez, outra dificuldade: nesse estado de concentração, de atenção clara e plena, o indivíduo não tem nenhum eu – isto é, não tem autoconsciência. Porque o que é chamado de eu nada mais é do que uma construção de palavras e memórias, de fantasias que não têm vida própria na realidade imediata. O bloqueio ou obstáculo que muitos de nós sentimos entre palavras e ação, entre símbolo e realidade, é, de fato, como querer comer um bolo e ao mesmo tempo comê-lo. Queremos satisfazer *a nós mesmos*, mas ao mesmo tempo tememos que, se nos esquecermos de nós, não haverá satisfação – um entretenimento sem ninguém presente para entreter. É por isso que a autoconsciência é uma constante inibição da ação criativa, uma espécie de autofrustração crônica; de tal maneira que

*image
not
available*

incomensurável. A magnitude do mundo ao qual nosso destino está vinculado aumenta mais do que diminui nossa importância. Parece que a natureza tem pouca consideração pelos indivíduos; pode deixá-los morrer aos milhões como se nada importasse. Mas o valor reside na qualidade, não na quantidade. Uma ervilha pode ser tão redonda quanto o mundo, mas no que diz respeito à redondeza, nenhum é melhor do que o outro. E o homem é em si mesmo um pequeno universo; a organização de sua mente e de seu corpo é tão complexa quanto à organização das estrelas. Podemos dizer, então, que governar o universo de um homem é menos importante porque seu tamanho é diferente?

*image
not
available*

diferentes maneiras, ambos os caminhos têm um resultado em mente. Ambos consistem igualmente em fazer ou não fazer algo para atingir um objetivo. O objetivo em questão é um tipo de imagem, uma representação mental, uma sensação vaga, de um ideal, de um estado de harmonia com o Tao, de harmonia com o Caminho da Natureza.

Mas foi precisamente em relação a este tipo de noções e ideais que Lao-tzu disse: “Dispense o conhecimento, descarte a sabedoria e as pessoas se beneficiarão cem vezes mais com isso”. Ele estava se referindo ao suposto conhecimento do que é o modo ideal de vida. Como eu disse no começo, simplesmente não há como saber o que é o Tao. Se não é possível definir o Tao, certamente não podemos definir o que é estar em harmonia com ele. Nós simplesmente não temos ideia de qual deve ser o objetivo.

Se, então, agimos ou evitamos agir com um resultado em mente, esse resultado não é o Tao. Por isso, podemos dizer que *mui* não é a busca por um resultado. Claro, isso não significa que um taoista se senta à mesa e não espera jantar ou pega um ônibus sem desejar ir a lugar algum em particular. Eu estou falando sobre resultados nas esferas moral e espiritual – sobre coisas como bondade, paz de espírito, bom-senso, felicidade, personalidade, coragem, e assim por diante.

Então, é possível para mim parar de buscar esses resultados? Sem dúvida, a questão em si implica que ainda tenho um resultado em mente, mesmo que seja o estado de não querer procurar resultados. Parece, portanto, que não posso fazer nada, que sou simplesmente incapaz de pensar ou agir sem um resultado em mente. Mesmo que eu faça ou não faça alguma coisa, não faz diferença: ainda estou procurando um resultado de maneira compulsiva e impotente. Então, me vejo preso em uma armadilha teleológica. Eu preciso de um propósito. Eu quase poderia dizer que eu *sou* o propósito.

Entretanto, esta é uma descoberta extremamente importante, pois

*image
not
available*

LEVEZA NO TRATO

CHESTERTON DISSE CERTA VEZ QUE OS ANJOS conseguem voar porque enxergam a si mesmos com leveza. O que se vê é uma quantidade de rostos nublados por uma seriedade que, se fosse proveniente da dor, seria compreensível. Mas esse tipo de seriedade que arrasta o homem para a terra e mata a vida de seu espírito não é fruto da dor, mas de um certo tipo de representação na qual o ator se engana ao se identificar com o seu papel. Há uma seriedade no faz de conta das crianças, mas até isso é diferente, porque a criança tem consciência de que aquilo é apenas uma brincadeira e sua seriedade é uma maneira indireta de se divertir. Mas essa seriedade se torna um vício no adulto, porque transforma a brincadeira numa religião, identificando-se a tal ponto com o seu papel ou posição na vida que ele teme perdê-los. Isso é especialmente verdade quando o indivíduo não iluminado atinge qualquer nível de responsabilidade; ele desenvolve uma falta de leveza no trato, uma ausência de entrega, uma rigidez que indica que ele está usando sua dignidade como pernas de pau para manter a cabeça acima das adversidades. Seu problema é que, em vez de *desempenhar* o papel, este é que passa a representá-lo, transformando-o em motivo de riso para todos que veem através de seu disfarce. A mensagem da sabedoria oriental é que as formas de vida são *maias* e, por isso, profundamente desprovidas de seriedade do ponto de vista da realidade. Pois o mundo da forma e da ilusão que a maioria toma como real não é mais do que um faz de conta do Espírito, ou, como os hindus definiram, a Dança de Shiva. Iluminado é aquele que se junta a esse faz de conta sabendo que se trata de uma brincadeira, pois o homem sofre apenas porque leva a sério o que os

*image
not
available*

interior de que “o melhor ainda está por vir”. Ele enfrenta o pior que a vida pode oferecer com a firme crença de que a realidade suprema é o Deus do amor e da justiça em quem deposita toda a sua esperança pela “vida do mundo que há de vir”.

Entretanto, acho que dizemos, sentimos e pensamos tanto sobre essa esperança que perdemos a impressionante eloquência do *silêncio* budista sobre toda essa questão. Quando se trata de palavras, pensamentos, ideias e imagens, as doutrinas budistas e a maioria das formas de hinduísmo são tão negativas e sem esperança que parecem uma espécie de elogio do niilismo. Não apenas insistem que a vida humana é impermanente, que o ser humano não tem uma alma imortal e que, eventualmente, qualquer rastro de nossa existência irá desaparecer, como também vão adiante e nos indicam, como o objetivo do homem sábio, uma libertação dessa vida transitória que não parece nem um pouco libertação – um estado chamado nirvana que pode ser traduzido como “desesperança”, e atingimento de uma condição metafísica chamada *shunyata*, um vazio tão vazio que consiste em não ser existente nem não existente! Pois a não existência *implica* a existência como sua contraparte lógica, enquanto que *shunyata* é tão vazio que não implica coisa alguma.

Além disso, por incrível que pareça, vão ainda mais longe. O nirvana, que por si só já é negação suficiente, é descrito em um texto como algo que não é melhor do que um toco morto ao qual você amarra o seu burro, e que, insistem, quando se consegue atingi-lo, percebe-se que não se atingiu nada. Talvez eu possa explicar de forma mais inteligível. Essas doutrinas enfatizam em primeiro lugar o fato um tanto triste e óbvio de que o homem não tem um futuro duradouro. Sem exceção, tudo o que conquistamos ou criamos, até mesmo os monumentos que sobrevivem à nossa morte, irão desaparecer sem deixar rastros, e que nossa busca por permanência é pura futilidade. Como, além disso, a felicidade existe apenas em relação ao sofrimento, o prazer em relação à dor, o homem perceptivo não tenta

*image
not
available*

repentino.

Talvez agora possamos ver a razão do duplo significado da metáfora da trajetória do pássaro no céu. Assim como o pássaro não deixa rastros, nenhum vestígio de seu voo no vazio, o desejo humano não pode obter nada da vida. Mas dar-se conta disso é tornar-se sábio, já que a maior sabedoria está do outro lado, imediatamente do outro lado da maior desesperança. É, claro, algo mais do que desesperança – um contentamento, um senso de vida e poder criativos, eu poderia até dizer uma segurança e certeza além do que se pode imaginar. Mas essa é uma forma de sentir que tanto a vontade como a imaginação são incapazes de provocar, assim como não se pode fazer os ossos crescerem, nem a pulsação diminuir. Tais coisas têm que acontecer sozinhas.

Da modo semelhante, tudo o que é positivo, todo o conteúdo criativo dessa experiência espiritual que é chamada de despertar, nirvana, deve necessariamente acontecer sozinho. Isso não apenas não pode, como não *deve* ser induzido por tentativa e vontade, uma vez que qualquer coisa que possa ser desejada não poderá ser *tal* experiência.

*image
not
available*

para o aluno de filosofia moderna e não parece necessário discordar do próprio raciocínio lógico. O ponto de partida deste trabalho, por mais contrário à razão que isso pareça, consiste no argumento básico da filosofia lógica moderna como contribuição extremamente importante para o pensamento metafísico, permitindo avaliar o caráter e a função autênticos dos termos e símbolos metafísicos de uma forma muito menos confusa do que até agora tinha sido possível.

Essa avaliação, no entanto, não é o tipo de desvalorização proposta por alguns dos expoentes da filosofia lógica, como Russell, Ayer e Reichenbach. Pois a contribuição positiva da filosofia lógica para a metafísica e a religião foi prejudicada pelo fato de que esses expoentes não se contentaram apenas em serem lógicos. Devido a um certo preconceito emocional contra visões religiosas ou metafísicas, essa crítica lógica tem sido usada como um instrumento numa polêmica, até mesmo numa propaganda, com motivações emocionais em vez de lógicas.

Uma coisa é mostrar que o conceito de Ser não tem um significado lógico. Outra é dizer que este e outros conceitos metafísicos de natureza semelhante não são filosofia, mas poesia, onde o termo “poesia” carrega uma conotação depreciativa muito forte. A implicação é que a “poesia” de símbolos religiosos e metafísicos pode ser causa ou razão de experiências emocionais muito requintadas e inspiradoras, mas essas, como “as artes” em tempos de guerra, estão entre as coisas secundárias da vida. O filósofo sério os considera belos brinquedos – um meio para decorar a vida, mas não para entendê-la – mais ou menos do mesmo jeito que um médico adorna seu consultório com uma máscara curativa dos mares do sul. Tudo isso nada mais é do que criticar com elogios vagos.

Enquanto os expoentes de filosofia lógica procuraram, por sua vez, desvalorizar os *insights* da metafísica e da religião, a maioria dos supostos defensores da fé tentou na maioria das vezes buscar de uma forma um tanto

*image
not
available*

Ou nas palavras de um poeta budista:

É como uma espada que fere, mas não pode ferir a si mesma;
É como um olho que vê, mas não pode ver a si próprio^[3].

A física enfrenta um problema semelhante ao tentar investigar a natureza da energia. Porque chega um momento em que a física, assim como a metafísica, penetra no campo da tautologia e do absurdo devido à natureza circular do trabalho que pretende – estudar elétrons com instrumentos que, afinal, também são elétrons. Mesmo correndo o risco de citar uma fonte que de certo modo é ultrapassada, a afirmação clássica desse problema é encontrada em *Natureza do mundo físico*, de Eddington:

Houve um tempo em que gostaríamos de saber o que o elétron é. Essa questão nunca foi respondida... *Algo desconhecido está fazendo algo que desconhecemos* – este é o resultado de nossa teoria. Não parece uma teoria particularmente esclarecedora. Li algo semelhante em outro lugar:

The slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe^[4].

É a mesma sugestão de atividade. A mesma imprecisão sobre a natureza da atividade e do que está atuando^[5].

Eddington ressalta que, apesar de sua imprecisão, a física pode “obter resultados”, uma vez que os elétrons, aqueles desconhecidos dentro do átomo, podem ser contados.

Oito lesmolisas touvas roldando e relviando nos gramilvos de oxigênio; Sete no nitrogênio. Ao admitir alguns números, até o “Jaguadarte” pode se tornar científico. Agora podemos nos aventurar a fazer uma previsão; se uma das suas touvas escapar, o oxigênio adquirirá uma aparência que, de fato, pertence ao nitrogênio... A tradução para o idioma “Jaguadarte” é um bom lembrete sobre a impenetrabilidade essencial das entidades

*image
not
available*

ego, é simplesmente outro nome para designar consciência. A afirmação “eu sou consciente” é então uma tautologia oculta que diz apenas que a consciência é uma função da consciência. Você só pode escapar deste círculo com a condição de que o “eu” seja entendido como muito mais do que consciência ou seu conteúdo. Mas no Ocidente esse não é o uso costumeiro da palavra. Identificamos o “eu” com a vontade consciente, e não admitimos uma autoridade ou responsabilidade moral pelo que fazemos de forma inconsciente e involuntária – o que implica que tais atos não são nossas ações, mas simples eventos que “ocorrem” em nosso interior. Quando o “eu” se identifica com a “consciência”, o indivíduo se sente como uma entidade desconectada, separada e desenraizada que age “livremente” no vazio.

Esse sentimento de desenraizamento é indubitavelmente responsável pela insegurança psicológica do homem ocidental e sua paixão por impor valores de ordem e lógica sobre a totalidade de sua experiência. No entanto, apesar de ser obviamente absurdo dizer que a consciência é uma função da consciência, parece não haver maneira de conhecer aquele do qual a consciência é uma função. Aquele que conhece – o qual é paradoxalmente chamado pelos psicólogos de inconsciente – nunca é objeto de seu próprio conhecimento.

Agora, a consciência, o ego, se sentirá desenraizada ao evitar e se recusar a aceitar o fato de que não conhece, nem pode conhecer, sua própria base ou fundamento. Mas, quando isso é reconhecido, a consciência se *sente* conectada, enraizada, mesmo que não saiba *a que* está conectada ou *em que* está enraizada. Enquanto continua a manter a ilusão de autossuficiência, omnicompetência e livre-arbítrio individual, ela ignora o desconhecido sobre o qual se instala. Pela familiar “lei do esforço invertido”, essa rejeição do desconhecido produz um sentimento de insegurança que desencadeia todos os problemas frustrantes e impossíveis, todos os círculos viciosos da vida humana, do absurdo exaltado da

*image
not
available*

demonstrados pela “observação científica”, ela deve reconhecer que não pode responder e não vai responder à pergunta “O que é um fato?” Se dizemos que “fatos” ou “coisas” são segmentos de experiência simbolizados por substantivos, estamos simplesmente mudando o elemento irreduzível do absurdo em nossa definição de “fato” para “experiência”. Um certo absurdo básico é totalmente inevitável, e tentar construir um sistema de pensamento completamente autodefinidor é um círculo vicioso de tautologia. O idioma mal pode prescindir da palavra “é” e, no entanto, o dicionário só pode nos informar que “o que é” é “o que existe” e “o que existe” é “o que é”.

Se, então, deve-se admitir que mesmo um termo absurdo, sem sentido ou indefinido é necessário para qualquer pensamento, já admitimos o princípio metafísico de que a base ou fundamento de todas as “coisas” é um nada indefinível (ou infinito) que está além de qualquer sentido – sempre escapando à nossa compreensão e controle. É o sobrenatural, no sentido de que não pode ser “definido” ou classificado, e o imaterial, no sentido de que não pode ser calculado, medido ou “materializado”. Em toda sua plenitude, tal admissão é precisamente *fé* – o reconhecimento de que, em última análise, é preciso “render-se” à fonte da vida, para um “Eu” além do ego, que está além da definição do pensamento e do controle da ação.

A crença, no sentido cristão *popular*, está aquém dessa fé, pois seu objeto é um Deus concebido com uma determinada natureza. Mas na medida em que Deus pode ser um objeto conhecido de natureza definida, Ele é um ídolo, e acreditar em tal Deus é idolatria. Portanto, no próprio ato de demolir o conceito de Absoluto como um “o que” ou “fato” sobre o qual podem ser feitas afirmações e determinações significativas, a filosofia lógica deu sua contribuição mais vital à fé religiosa – às custas de sua antítese, a “crença” religiosa. Enquanto os positivistas lógicos inconscientemente juntam forças com os profetas hebreus em sua denúncia de idolatria, descobre-se é que os profetas estão alinhados com essa grande tradição

*image
not
available*

uma campanha em um território desconhecido e que, em vez de avaliar sua própria força, a força e a posição de seu inimigo, preocupa-se apenas com o que ele imagina que essas coisas *devam* ser. E, não importa quão boa seja sua imaginação, ele conduzirá, sem dúvida, seu exército ao inferno.

*image
not
available*

budismo percebe a beleza da mudança, pois a vida é como música nisto: se alguma nota ou frase se alongar mais do que seu tempo designado, a melodia é perdida. Assim, o budismo pode ser resumido em duas frases: “Deixe ir!” e “Continue andando!” Deixe de lado o anseio por si mesmo, pela permanência, por circunstâncias particulares, e siga em frente com o movimento da vida. O estado de espírito assim alcançado é chamado Nirvana. Mas este é um ensinamento com grande chance de ser mal compreendido, já que é tão fácil representar a doutrina do “deixar ir” como uma negação total da vida e do mundo, e o Nirvana como um estado infinitamente distanciado de todas as preocupações terrenas.

O Zen, no entanto, corrigiu esse erro da maneira mais surpreendente e única – tanto que uma grande parte dos ensinamentos Zen pode parecer, a princípio, mera bufonaria ou bobagem.

Um discípulo veio ao mestre zen Chao-chou e perguntou:

– Acabo de chegar a este mosteiro. Você se importaria de me dar alguma instrução, por favor?

O mestre respondeu:

– Você já tomou o seu café da manhã ou não?

– Sim, já tomei, senhor.

– Então, lave sua louça.

Conta-se que, como resultado desta observação, o discípulo foi subitamente iluminado quanto ao significado geral do Zen.

Em outra ocasião, um mestre estava prestes a palestrar para uma assembleia de estudantes quando um pássaro começou a cantar em uma árvore próxima. O mestre permaneceu em silêncio até que o pássaro tivesse terminado e, então, anunciando que sua palestra havia sido dada, foi embora.

*image
not
available*

simples bordão, uma verdade tão resumida que deixa de ter a mínima utilidade. Em sua prisão, ela murcha e morre. Em vista disso, o Zen chega neste estágio com uma pergunta muito inconveniente: “Quando os Muitos são reduzidos a Um, a que o Um se reduz?” Somente quem sabe o que é isso compreende o Zen. Seria inútil tentar explicar mais, pois fazê-lo seria contrariar o próprio propósito do Zen, que é fazer com que todos descubram por si mesmos. É como uma história de detetive com o último capítulo faltando; permanece um mistério, uma coisa como um raio de luz que pode ser visto e usado, mas nunca capturado – amado, mas nunca possuído. E com isso podemos saber que o Zen é a vida.